2 - O conceito de aspecto e as noções aspectuais

Luiz Carlos Travaglia

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

TRAVAGLIA, L.C. O conceito de aspecto e as noções aspectuais. In: *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão* [online]. 5th ed. Uberlândia: EDUFU, 2016, pp. 39-58. ISBN: 978-65-5824-014-3. <https://doi.org/10.7476/9786558240143.0004>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

2 - O conceito de aspecto e as noções aspectuais

2.1 - O CONCEITO DE ASPECTO

Pode-se observar com facilidade, pelo exposto sobre o estudo do aspecto no Português e também em numerosos estudos sobre a categoria em outras línguas, que a conceituação de aspecto tem variado muito, sendo, quase sempre, incapaz de abranger todas as noções arroladas como aspectuais e o quadro aspectual daí resultante. Entretanto um exame mais cuidadoso revela alguns pontos mais ou menos comuns entre diferentes conceituações a saber:

1. aspecto seria “a maneira de ser da ação”;¹
2. aspecto é a indicação da duração do processo, de sua estrutura temporal interna;²
3. aspecto é a indicação dos graus de desenvolvimento, de realização do processo, o modo de conceber o desenvolvimento do processo em si;³

¹ CÂMARA JÚNIOR (1974a); CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Princípios de linguística geral**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974b. 333p.; GARCIA (1976); PONTES, E. **Estrutura do verbo no português coloquial**. Petrópolis: Vozes, 1972.; QUIRK, R. et al. **A grammar of contemporary English**. London: Longman Group, 1972. 1.120p.

² AZEVEDO FILHO, L. A. de. **Para uma gramática estrutural da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Gernasa, 1975; CÂMARA JÚNIOR (1974a); CASTILHO (1967); COMRIE, B. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. London: Cambridge University Press, 1976. 142p.; CRETELLA JÚNIOR, J. O aspecto e o tempo no sistema verbal. **Jornal de Filologia**, São Paulo, v.1, n.2, p.135-141, 1953.; DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978. 653p.; GARCIA (1976); LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira**. Porto Alegre: Globo, 1976.; MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. 2. Paris: Librairie Honoré Champion, 1972. v. 2 apud CASTILHO 1967.

³ BORBA, F. da S. **Pequeno vocabulário de linguística moderna**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1976. 149p.; CARRETER, F. L. **Dicionário de términos filológicos**. 3. ed. Madrid: Gredos, 1974. 460 p.; CASTILHO (1967); CRETELLA JÚNIOR (1953); DUBOIS et al. (1978); GUILLAUME, G. Immanence et transcendence dans la categorie du verbe, esquisse d'une théorie psychologique de l'aspect. In: CASSIRER, E. et al. **Essais sur le langage**. Paris: Éditions de Minuit, 1969. p.207-225.; HOCKETT,

4. aspecto envolve tempo;⁴
5. aspecto é definido como marcador de oposições entre certas noções ou de noções simples: término/não término, início, resultado, etc.⁵

O primeiro destes pontos revela-se pouco útil na definição do aspecto por ser passível de levar a confusões com elementos não aspectuais ligados tanto ao **modo verbal** e à **modalidade** (tais como dúvida, necessidade, obrigação, possibilidade, volição, etc.), quanto ao que muitos linguistas chamam de **modo de ação** ou **aktionsart**⁶, como dizem os alemães (aqui se incluiriam provavelmente noções como progressão, aparência, conação, diminuição, etc.). O quinto destes pontos comuns às conceituações de aspecto só nos auxilia na medida em que pode nos ajudar a perceber a generalização que envolve as oposições e noções citadas. Já os pontos 2, 3 e 4 nos dão os elementos de partida para uma boa conceituação de aspecto.

Em primeiro lugar é preciso ter em mente que o aspecto é uma categoria verbal ligada ao “TEMPO”. Antes de continuarmos, para evitar qualquer dúvida, é preciso esclarecer que neste trabalho utilizaremos o termo **tempo** em três sentido básicos:

1. Tempo 1: categoria verbal (correspondente às épocas: passado, presente, futuro). Falaremos então em tempo;
2. Tempo 2: flexão temporal. Estaremos nos referindo então aos agrupamentos de flexões da conjugação verbal: presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente, futuro do subjuntivo, etc. Falaremos então em tempos flexionais;
3. Tempo 3: a ideia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase. Falaremos então de TEMPO (com letras maiúsculas).

C. F. *A course in modern linguistics*. New York: Macmillan, 1964. 621 p.; HOLT, J. *Études d'aspect*. *Acta Jutlandica*, Copenhagen, v.15, n.2, p.1-84, 1943.; IMBS, P. *L'emploi des temps verbaux en français moderne*: essai de grammaire descriptive. Paris: C. Klincksieck, 1960. 272 p.; MEILLET (1958) apud CASTILHO (1967).

⁴ ALONSO, C. H. Sobre el tiempo en el verbo español. *Revista Española de Linguística*, Madrid, v.3, n.1, p.143-178, jan./jun. 1973.; COMRIE (1976); CURTIUS apud CASTILHO (1967, p.21); DUCROT, O.; TODOROV, T. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1977. 355p.; GUILLAUME (1969); HOCKETT (1964); IMBS (1960); LUFT (1976).

⁵ CÂMARA JÚNIOR (1974a); LUFT (1976).

⁶ Vários trabalhos buscam distinguir **aspecto** e **modo de ação**. No Português dois trabalhos que se ocupam disso são Castilho (1967) e Gomes Neto (1977). Não vamos aqui tratar de tal distinção, mesmo porque, para um grande número de linguistas, os dois termos são sinônimos, enquanto para outros “aktionsart” seria o aspecto expresso lexicalmente e, para outros ainda, o aspecto seria um tipo de modo de ação, sendo poucos os que consideram os dois como categorias perfeitamente distintas. Preferimos que, uma vez definido aspecto, outras noções sejam eliminadas por não se encaixar na definição dada, uma vez que o aspecto está bem melhor definido como categoria do que o modo de ação.

Dois exemplos bastam para deixar explícita a distinção entre **tempo** e **tempo flexional** que nos parece ser bastante clara:

4. Amanhã irei a Santos
tempo futuro
tempo flexional: futuro do presente
5. Amanhã vou a Santos.
tempo futuro
tempo flexional: presente do indicativo

O aspecto é, como dissemos, uma categoria verbal ligada ao “TEMPO”, pois antes de mais nada ele indica o espaço temporal ocupado pela situação⁷ em seu desenvolvimento, marcando a sua duração⁸, isto é, o tempo gasto pela situação em sua realização.

Vem daí a confusão que muitas vezes se estabelece entre a categoria de tempo e a de aspecto, independente das duas serem muitas vezes expressas pelo mesmo elemento, o que veremos mais adiante: tanto **tempo** quanto **aspecto** são categorias de TEMPO, entretanto as duas não se confundem pois:

- a categoria de **tempo** situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como anterior (passado), **simultâneo** (presente) ou **posterior** (futuro) a esse mesmo momento. É uma categoria dêitica, uma vez que indica o momento da situação relativamente à situação de enunciação. Aqui temos uma datação;
- a categoria de **aspecto** não é uma categoria dêitica, pois se refere à situação em si. Como diz Comrie (1976) o aspecto são as diferentes maneiras de ver a **constituição temporal interna da situação**, sua duração. Assim para efeito de distinção podemos dizer que o **tempo** é “um TEMPO externo à situação” e o **aspecto** é “um TEMPO interno à situação”.

O que vimos até agora, todavia, não caracteriza o aspecto de forma completa. O aspecto também indica algo sobre o grau de desenvolvimento, de realização da situação como anotaram vários autores (cf. nota 18). Muitos deles falam em término (acabado)/ não término (não acabado) e em noções como início, meio e fim. Todas essas colocações, entretanto, nunca trazem em seu bojo uma conceituação capaz de abranger todas as noções diferentes da duração e arroladas como aspectuais.

⁷ O termo situação será usado neste trabalho como um termo geral para processos, estados, fenômenos, eventos, fatos, etc. Alguns tipos particulares de situações serão definidos mais adiante.

⁸ A maioria dos autores fala em duração da situação mas Alonso (1973) fala em tempo interno, Guillaume (1969) fala em “tempo implicado” e Comrie (1976) fala em “estrutura temporal interna”.

Confrontando todas as conceituações de aspecto, listando as noções aspectuais arroladas, naturalmente com expurgo daquelas que não se encaixam nas conceituações e podiam ser consideradas ligadas a outras categorias ou como simples noções semânticas não afetas a qualquer categoria, e aplicando o resultado a inúmeros exemplos; pudemos notar que as noções enumeradas como aspectuais, normalmente indicavam fases da situação.⁹ Entretanto nem todas podiam ser ordenadas num mesmo conjunto de fases, ou seja, acabado/não acabado, por exemplo, não se encaixava na sequência de fases: início, meio e fim. Uma análise um pouco mais atenta mostrou que as fases da situação podiam ser tomadas de diferentes pontos de vista e, daí, termos de organizar diferentes subconjuntos de fases de acordo com o ponto de vista considerado. Nosso estudo revelou haver três pontos de vista diferentes, que são:

- a. o do **desenvolvimento da situação**, o que nos dá três fases: início, meio e fim;
- b. o do **completamento da situação**, o que nos dá duas fases: a da situação incompleta e da situação completa;
- c. o da **realização da situação**¹⁰, o que nos dá três fases: a da situação por começar, a da situação começada ou não acabada e a da situação acabada.¹¹

Na verdade, as fases que chamamos “do desenvolvimento da situação” (início, meio e fim) podem ser consideradas como subdivisões da “fase de realização” que chamamos de “fase da situação começada ou não acabada”.

As fases também colocam o aspecto como uma categoria de TEMPO, pois nada mais são do que “pontos” no segmento de TEMPO envolvido na ocorrência da situação.

Nesta altura cremos poder reunir tudo o que foi dito para definir aspecto num conceito mais sintético:

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação.

⁹ Guillaume também diz que aspecto é a fase de desenvolvimento do processo. Veja Guillaume (1969) e Castilho (1967, p.34).

¹⁰ Deve ficar claro que estamos utilizando os termos desenvolvimento e realização da situação com significados específicos e distintos para identificar dois pontos de vista diferentes.

¹¹ Muitos autores consideram a oposição acabado/não acabado como idêntica à oposição completo/não completo, dando os termos como sinônimos. Para nós, esta equiparação causou problemas no estudo do aspecto, pois, na verdade, não são a mesma coisa como propomos mais adiante.

Alguns autores¹² dizem que o aspecto é a representação ou atualização **espacial** do processo, isto porque, como dissemos, ele localiza a situação dentro do **espaço temporal** de sua ocorrência.

A quase totalidade dos estudiosos concordam em afirmar que o aspecto é uma noção mais objetiva e concreta que o tempo, pois se refere à situação em si. Entretanto a apresentação de uma situação dentro de uma ou de outra noção aspectual não é necessariamente objetiva, pois depende de como o falante pretende referir-se à duração e/ou às fases da situação ou mesmo não referir-se a elas e não de como a situação é na realidade, embora isto possa influenciar. Além disso a mesma situação pode ser vista de diferentes maneiras não só de uma língua para outra, mas também dentro da mesma língua. Assim quando se diz, por exemplo:

6. Antônio **falou** ontem na Universidade. Enquanto **falava** muitos alunos fizeram perguntas.

A mesma situação (falar) é apresentada primeiro como completa (falou) e depois como incompleta (falava).

Ao enunciarmos uma frase, inúmeros elementos influem sobre qual noção aspectual caracteriza a situação apresentada e, no momento oportuno, iremos especificando-os, antes, porém, importa estabelecer com mais clareza as noções aspectuais que a definição do aspecto apenas deixou entrever.

2.2 - NOÇÕES ASPECTUAIS

2.2.1 - PRELIMINARES

O elenco de noções aspectuais, que vamos apresentar nesta seção, foi estabelecido levando-se em conta dados da Língua Portuguesa.

Inicialmente é preciso deixar claro que inúmeras noções presentes nos verbos, tanto no Português quanto em outras línguas, e que são apresentadas como aspectuais, nada têm a ver com aspecto, pois nada dizem da duração da situação ou de suas fases. Estão neste caso “aspectos” como intensivo, potencial, conativo, comitativo, inferencial ou putativo, negativo, diminutivo, reflexivo, pejorativo, obrigatório, desiderativo, benefactivo, aparential, reservativo, todos relacionados por Luis Cifuentes Garcia.¹³ Borba (1976, p.7-9) cita vários destes “aspectos” e mais ainda outros que em realidade não o

¹² Cf., por exemplo, Borba (1976, p.7) e Castilho (1967, p.14).

¹³ GARCIA, L. C. Acerca del Aspecto. Boletín de Filología, Chile, t. 8, p.57-63, 1954 apud CASTILHO (1967, p.42).

são tais como o causativo, o deteriorativo, o distributivo, o necessitativo e o reservativo. No item 1.3.7 explicitamos várias noções não aspectuais que Garcia (1976) arrola como tal. Castilho (1967, p.41, 43) ainda cita vários aspectos colocados por Louis Roussel¹⁴ tais como: de velocidade, de plenitude, de fraqueza, inversivo, aditivo, de predileção, de interesse pessoal, etc. apontando que nada têm a ver com aspecto.

Para evitar que noções semânticas não aspectuais, presentes no verbo, sejam arroladas entre as noções verdadeiramente aspectuais, é suficiente verificar se a noção semântica em questão é uma noção temporal não dêitica que indica a duração da situação ou uma de suas fases, pois, caso contrário, não será uma noção aspectual.

Duas noções temporais que às vezes são apontadas como aspectuais, mas que na verdade são noções de tempo, são a **iminência de ação** e o **passado recente** que as frases abaixo exemplificam:

7. a - José **acabou de sair**. Se você chegasse um pouco antes teria falado com ele (passado recente).
b - O chefe de estação deu o sinal. O trem vai partir (iminência de ação).
c - Sua encomenda está para chegar (iminência de “ação”).

Como veremos adiante, às vezes temos juntas, em uma perífrase ou num tempo flexional ou em outro recurso de expressão do aspecto, uma noção de aspecto e uma de tempo, mas é preciso saber separar as duas.

Feitas essas observações iniciais, passemos às noções que caracterizam aspectos.

2.2.2 - NOÇÕES ASPECTUAIS

Ao considerar o TEMPO envolvido na ocorrência de uma situação é preciso lembrar que toda situação tem princípio, meio e fim; um antes de seu princípio em que ela é não começada ou por começar e um depois de seu fim em que ela é acabada. Isto pode ser representado graficamente e de modo geral pela figura 1.

FIGURA 1

Na FIG. 1, α é o TEMPO em que a situação ainda é não começada e β o tempo em que ela é acabada; **A** é o ponto de início da situação, **B** o ponto de tér-

¹⁴ ROUSSEL, L. L'aspect en grec attique. Paris: PUF, 1958.

mino e o segmento **AB** é a **duração** da situação, seu TEMPO de desenvolvimento; **AA'** são os primeiros momentos do desenvolvimento da situação e **B'B** os últimos momentos de seu desenvolvimento. A extensão dos segmentos em termos absolutos no mundo real é algo que não importa, pois tudo vai depender de como o falante concebe a situação e de como deseja apresentá-la.

2.2.2.1 - DURAÇÃO E PONTUALIDADE

Duração é a primeira noção semântica aspectual. Em oposição à duração temos a não duração ou **pontualidade** que é o caso da situação cujo início e término ocorrem no mesmo instante ou separados por um lapso de TEMPO curto, de tal forma que a situação é concebida como pontual.¹⁵

A duração pode ser referida de diferentes maneiras:

- a. Como **limitada**: quando se indica seu início (exemplos 8 a, b) ou seu fim (exemplos 9 a, b) ou o valor da duração (exemplo 10), ou quando, mesmo sem nenhuma limitação explícita, a situação é sentida como tendo uma duração finita (exemplos. 11 a-c). Portanto os limites A e B da Figura 1 são conhecidos ou sugeridos.
 8. a - Ele **estava nadando** desde as 6 horas da manhã.
b - Sílvia **limpava** a casa desde cedo e ainda não acabara, quando voltamos.
 9. a - João **ficará estudando** até amanhã.
b - Papai **estaria trabalhando** até as 20 horas.
 10. Antônio **ouviu** música o dia todo.
 11. a - José **lia** um romance, quando sua irmã chegou.
b - **Estamos fazendo** um bolo para mamãe.
c - Minha cabeça **tem doído** muito.
- b. Como **ilimitada**: os limites A e B na figura 1 não são conhecidos nem sugeridos. Aparece normalmente em frases indicativas de situações, “eternas” ou sentidas como tal numa dada época. É o caso, por exemplo, de frases que expressam princípios científicos ou verdades “eternas” (tais como provérbios e máximas). Muitos autores dizem que essas frases normalmente são atemporais, isto é, não atualizam a categoria de tempo, porque normalmente indicam coisas válidas para todo o tempo, todavia temos a duração sentida

¹⁵ Alguém pode argumentar que a situação pontual não existe, pois qualquer situação tem uma duração por menor que seja. Realmente isso é verdade, mas o que importa não é a medida do tempo em termos absolutos, e sim, como já dissemos, o sentimento linguístico do falante que concebe a situação como pontual.

como ilimitada no presente (que é o mais comum e onde a ideia de tempo parece se enfraquecer mais), no passado e no futuro. Exemplos.:

12. A Terra **gira** em torno do Sol.
13. A mocidade **busca** a mocidade. (C. dos Anjos)¹⁶
14. Este cachorro **morde**.
15. A verdade não **envergonha**.
16. As almas condenadas **vaguearão** para sempre.
17. Os bons **serão** felizes na vida eterna.
18. Meu avô **era** pessoa de boa índole.
19. O clube **ficava** no topo da colina.

Pode-se observar que, embora tenhamos nos exemplos acima o presente do indicativo, o pretérito imperfeito do indicativo e o futuro do presente como tempos flexionais, não podemos garantir sem dúvida que aí tenhamos a categoria de tempo atualizada em passado, presente e futuro.

É bom lembrar ainda que, como uma duração ilimitada normalmente não apresenta muita significação para o espírito humano, há nestes casos uma tendência para reduzir ou anular a indicação da duração, e o verbo passa a ser sentido como referindo-se mais ou só à situação.

- c. Como **contínua**: quando a situação é apresentada sem nenhuma interrupção no seu tempo de existência, de desenvolvimento. São exemplos deste tipo de duração os exemplos de números 8 a 19, exceto 11-c. Pelos exemplos fica claro que a duração contínua pode ser limitada ou ilimitada;
- d. Como **descontínua**: quando a situação é apresentada como sofrendo interrupções na sua duração, o que cria a ideia de repetição (iteração).¹⁷ Da ideia de repetição vem a caracterização que se dá desse fato, como representando uma coleção de situações.¹⁸ A repetição existe, então, porque existem interrupções no TEMPO de ocorrência de uma situação.

Podemos ter repetição tanto de situações durativas (exemplos 11-c, 20 a 22) quanto de situações pontuais (exemplos 23 a 25).

¹⁶ Exemplo apud Castilho (1967, p.104).

¹⁷ Guillaume (1969, p.218-9) anota que a ruptura da continuidade do tempo imanente e do tempo transcendente é um acidente que tem consequências extremamente variadas, uma das quais é o surgimento de formações mais ou menos iterativas. Cf., na nota 35, o que diz IMBS (1960).

¹⁸ É o que faz Castilho (1967) sem explicar de onde vem a ideia de repetição.

20. D. Maria **passeia** todos os dias na praia.
21. Você precisaria ouvir o que **tenho ouvido**.
22. **Andamos assistindo** muito à televisão (presente do indicativo).
23. De tempos em tempos **explodia** uma bomba.
24. **Tenho pulado** corda para emagrecer.
25. Sempre **acordo** às 6 horas.

A iteração tanto da situação pontual quanto da durativa cria uma série que pode ser representada como uma situação única.¹⁹ Isto pode ser observado nos exemplos (11-c) e (20) a (25) e também nos exemplos (26) e (27).

26. **Salto** do trampolim há anos.
27. **Compro** dele faz muito tempo.

Em todos os exemplos temos situações que se repetem, mas que são apresentadas como uma situação durativa única. Quando percebemos a situação iterativa desta forma, é porque deixamos de considerar cada realização da situação para pensar, no dizer de IMBS (1960, p.24), “na **disposição** ou **aptidão contínua**” que as condiciona.²⁰ A série durativa única criada pela repetição tem uma **duração descontínua** como se pode ver facilmente.

Se observarmos as frases (20), (25), (26) e (27) veremos que aí, além da iteração, há uma ideia de **hábito**. Não é muito fácil explicar como uma iteração se torna habitual, mas algo pode ser dito: a) a **repetição** (iteração) que se torna **inconsciente** e **automática** torna-se hábito; b) no hábito a repetição parece ser mais **regular, constante**, não havendo falhas nas repetições da situação, daí o adjunto adverbial ter normalmente sentido totalizador em frases de repetição habitual: “todos os dias” (exemplo 20) e “todas as noites” (exemplo 29);²¹ c) na iteração simples a duração descontínua é limitada, enquanto que na iteração habitual a duração é ilimitada. Esta diferença entre a iteração simples e a habitual pode ser percebida claramente confrontando as frases (11-c), (21), (22),

¹⁹ Esse fato é observado por Lyons (1977, p.716) aproximadamente com estas palavras. (LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v.2.).

²⁰ “La répétition et l’habitude, tout en les montrant engagés dans un rythme, présentent les processus verbaux comme **discontinus**. Mais si, au lieu de considérer les actes on pense à la **disposition** ou à l’**aptitude continue** qui les conditionne, le verbe n’est plus engagé dans un rythme, et il est de ce fait privé de toute détermination quantitative”. **Tradução:** “A repetição e o hábito apresentam os processos verbais como **descontínuos** ao mesmo tempo que os mostram engajados num ritmo. Porém, se ao invés de considerar os **atos**, se pensa na **disposição** ou na **aptidão contínua** que os condiciona, o verbo não é mais engajado num ritmo e está, por este fato, privado de toda determinação quantitativa.

²¹ Mais adiante veremos que o adjunto adverbial tem muito a ver com o aspecto.

(23) e (24), em que a iteração é simples, com as frases (20) e (25) a (29), em que a iteração é habitual.

28. Nunca **leio** artigos políticos.

29. Todas as noites **escovava** os dentes com cuidado.

Compare-se (30-a) que é habitual com (30-b) que é uma iteração simples:

30. a - Antônio **vai** à missa aos domingos.

b - Antônio **tem ido** à missa aos domingos.

Em (30-b) percebe-se um limite às repetições, o que não ocorre em (30-a).

Como se pode ver, também a duração descontinua pode ser limitada ou ilimitada.

Tudo isso pode levar a pensar que, para uma iteração tornar-se habitual, é preciso que o número mínimo de repetições seja bastante alto. Esse número seria impossível de determinar, pois a apresentação de uma situação como habitual depende apenas da vontade do falante de fazê-lo e não do número de repetições que ocorrem na realidade.

Como veremos mais adiante, a habitualidade não é uma noção aspectual, mas sim a iteração de que a habitualidade nasce, pois é a iteração que surge da duração descontinua.

Para Comrie (1976, p.26-27), nem todo habitual é iterativo; contudo, pelo que pudemos averiguar para o Português, todo habitual é iterativo,²² pois não encontramos um só exemplo em que isto não se desse. Encontramos apenas casos em que a iteração parece atenuada, menos explícita, como no exemplo (27), porque aí ocorre o que IMBS (1960, p.24) disse e a que já aludimos acima após esse exemplo. Alguém poderia argumentar que as frases habituais negativas, como o exemplo (28), podem ser apontadas como casos em que temos o habitual não iterativo. Semelhante proposição não teria validade porque o que ocorre nestes casos é a negação da iteração habitual, mas não a sua ausência. Resta anotar que, embora todo habitual seja iterativo, não vale a recíproca, pois abundam as frases de sentido iterativo que não são habituais.

²² O exemplo que Comrie (1976, p.27) apresenta de habitual não iterativo para o inglês, após dizer que “uma situação pode ser referida por **uma forma habitual** sem haver qualquer iteratividade” é: (grifo nosso).

a) The Temple of Diana **used to stand** at Ephesus.

Este exemplo realmente apresenta uma forma de habitualidade do inglês (used to) e expressa algo que não pode ter uma duração descontinua e portanto não pode ser iterativo.

O exemplo de Comrie, se passado para o Português com uma forma habitual correspondente, resultará numa frase inaceitável, por ser semanticamente anômala:

b) *O templo de Diana **costumava** (ou usava) **ficar** em Éfeso.

O exemplo de Comrie com exatamente o mesmo significado teria que ser traduzido para o Português, utilizando-se uma frase como c, de aspecto indeterminado (cf. item 4.2.5), semelhante ao exemplo (19):

c) O templo de Diana **ficava** em Éfeso

Tendo em vista que as frases de sentido iterativo habitual apresentam situações de duração descontínua **ilimitada**, elas também expressam as chamadas verdades eternas em frases como as registradas com os números (31) a (33), exatamente como ocorre com as frases em que a duração é contínua e ilimitada (cf. exemplos 12 a 19).²³

- 31. Aves se **alimentam** de vegetais.
- 32. As azaleias **florescem** em maio.
- 33. Os ratos **roem** papel.

Em consequência desse papel do habitual há, muitas vezes, como veremos adiante, um problema de análise que consiste na dificuldade de distinguir se temos, numa dada frase, o aspecto caracterizado pela duração contínua ilimitada ou o aspecto caracterizado pela duração descontínua ilimitada, já que os dois aparecem em frases que expressam verdades “eternas” atemporais.

2.2.2.2 - FASES

Vimos as noções aspectuais ligadas à duração da situação. Passemos agora às noções ligadas às suas fases.

Inicialmente temos as fases da situação do ponto de vista da sua **realização**, que são três, a saber:

- a. A fase em que a situação ainda não começou. Na FIG. 1 corresponde ao trecho – do espaço de TEMPO. A situação é apresentada como algo ainda por fazer, por ocorrer, por começar, embora haja ou tenha havido “intenção” ou “certeza”, de ela se realizar. Exemplos:
- 34. Esta gaveta **está por arrumar**, mas só farei isto quando tiver tempo.
 - 35. Pedro **está para emoldurar** o quadro.
 - 36. Seu irmão **está para chegar**.
 - 37. Este livro **ficou por ler**, pois não tive tempo.²⁴

²³ Lyons (1977, p.716) observa que, uma vez que “algumas vezes” passa a “muitas vezes” e este pode aproximar-se assintoticamente de “sempre”, o habitual é apropriadamente usado na expressão das chamadas verdades atemporais como “Vacas comem capim”.

²⁴ Quando a noção aspectual é expressa por perífrase há uma série de particularidades que serão expostas nos momentos adequados. Apenas a título de esclarecimento observe-se, por exemplo, que, comparando o exemplo (34) com o exemplo (37), notamos que no segundo há uma permansividade do não começado introduzida pelo auxiliar **ficar** que traz a implicação de que, embora tenha havido, não há mais a intenção de realizar a situação o que não ocorre no primeiro, onde o auxiliar é **estar**.

Observe-se que nos exemplos (35) e (36) a noção é de “**prestes a começar**”, porque junto à noção aspectual há a expressão da noção temporal de iminência de ação.

- b. A fase em que a situação já é começada. Na FIG. 1 corresponde ao segmento AB do espaço de TEMPO. A situação é apresentada como em realização. Embora a fase seja apenas uma e a noção aspectual por ela representada seja única, esta fase pode ser tomada de dois ângulos diferentes conforme se tenha em mente opô-la à fase em que a situação é não começada ou à fase em que a situação é acabada. Se temos em mente opôr a fase da situação em realização à fase em que ela é não começada, dizemos que a situação é **começada**, se temos em mente opô-la à fase em que a situação é acabada, dizemos que a situação é **não acabada**. Exemplos:

Veja exemplos: (8a, b), (11a, b)

38. Os rapazes **continuam jogando** apesar da chuva.
39. Mesmo percebendo notas de desagrado, o conferencista **prosseguia expondo** seu ponto de vista.

- c. A fase em que a situação já terminou. Na FIG. 1 corresponde ao trecho **â** do espaço de TEMPO. A situação é apresentada como terminada, concluída, acabada. Exemplos:

40. Maria **leu** o livro.
41. Pedro **pulara** o muro com facilidade.
42. O treinador do time **esteve** doente.
43. Mamãe **acaba de fazer** um bolo.

Na frase (43) a noção é de “**acabado há pouco**”, porque junto à noção aspectual há a expressão da noção temporal de passado recente.

A partir do momento em que a situação entra em realização, dizemos que ela está em desenvolvimento e aí temos suas fases do ponto de vista do **desenvolvimento**, a saber: início, meio e fim. Vejamos cada uma em particular:

- a. **Início**: À noção aspectual caracterizada pela fase de início da situação chamaremos de **incepção** ou **inceptividade**. Temos inepção quando a situação é apresentada como estando em seu ponto de início (o ponto A da FIG. 1), ou em seus primeiros momentos (na FIG. 1 corresponde ao segmento AA' do espaço de tempo). Exemplos:

44. Os marceneiros **estão começando a armar** o telhado.
45. Neste instante os balões **começam a subir**.
46. Num dado momento o povo **rompeu a vaiar**, deixando todos perplexos.
47. Daniel **princiava a arrumar** a mala, quando cheguei em sua casa hoje de manhã.
48. Jorge **começará a soltar** os fogos de artifício às 20 horas.

Nos exemplos (46) e (48) a situação é apresentada em seu ponto de início, nos exemplos (44) e (47) a situação é apresentada em seus primeiros momentos, o exemplo (45) parece poder ser interpretado das duas maneiras, embora haja tendência para ver a situação como em seus primeiros momentos.

- b. **Meio:** À noção aspectual caracterizada pela fase de meio da situação chamaremos de **cursividade**. Temos cursividade, quando a situação é apresentada em pleno desenvolvimento, isto é, concebida como já tendo passado seus primeiros momentos e ainda não tendo atingido seus últimos momentos. Isto quer dizer que a situação é apresentada como estando em qualquer ponto do segmento A'B' do espaço de TEMPO representado na FIG. 1. Exemplos:

Veja exemplos (8a, b), (11a, b), (38), (39).

49. Jorge **continua falando** apesar do avançado da hora.
 50. **Estou lendo** um livro muito interessante.
- c. **Fim:** À noção aspectual caracterizada pela fase de término da situação chamaremos de **terminatividade**. Esta noção aspectual aparece quando a situação é apresentada como estando em seu ponto de término (o ponto B da FIG. 1), ou em seus últimos momentos (na FIG. 1 corresponde ao segmento B'B do espaço de TEMPO). Exemplos:
51. Espere um momento que **estou acabando de arrematar** seu vestido.
 52. Mamãe **terminou de bordar** minha blusa hoje ao meio dia.
 53. Raquel **terminava de escrever** a carta quando o telefone tocou.
 54. Neste instante Simone **termina de cantar** a última música do show.

Nos exemplos (51) e (53) a situação é apresentada em seus últimos momentos, no exemplo (52) a situação é apresentada em seu ponto de término. No exem-

plo (54) parece que podemos ter duas interpretações: a situação em seus últimos momentos (= está terminando de cantar) ou a situação em seu ponto de término (= acaba de cantar neste exato momento).

O Português apresenta a situação mais em seus primeiros ou últimos momentos do que em seu ponto de início ou de término.

É preciso deixar claro desde já que a simples referência ao momento de início da situação, como nos exemplos (8a, b) e (55), ou ao momento de seu término, como nos exemplos (9a, b) e (56a, b), não caracteriza a presença das noções de **incepção e terminatividade**, pois, para que elas existam, é preciso que a situação seja apresentada respectivamente em seu momento de início ou em seus primeiros momentos e em seu momento de término ou em seus últimos momentos. Dessa forma nos exemplos referidos neste parágrafo não há **incepção** ou **terminatividade**, mas apenas o estabelecimento de um dos limites da duração limitada.

55. O presidente **estava falando desde as cinco horas**.

56. a - Esperei você **até às dez horas**.

b - As bolhas de ar **ficam pairando** no ar **até estourarem**.

O terceiro grupo de noções aspectuais ligadas às fases da situação é o de noções caracterizadas pelas fases sob o ponto de vista do **completamento**. Como já vimos, temos aqui duas fases: a da situação **completa** e a da situação **incompleta**, e portanto duas noções aspectuais. É bom que fique claro que a noção é de situação que se apresenta como **completa** e não como **completada** (ou seja, como acabada, cumprida, concluída, totalmente decursa). A situação é apresentada como completa, isto é, em sua totalidade, como um todo indivisível, com seu começo, meio e fim englobados num todo. Como veremos ao falar dos aspectos, embora seja comum que a situação que é apresentada como completa o seja também como acabada, nem sempre isso ocorre, pois temos situações apresentadas como completas e não acabadas. Temos também situações apresentadas como incompletas e acabadas. É comum termos situações apresentadas como completas, mas sem qualquer indicação sobre se são ou não acabadas. Embora isto possa parecer incoerente ou estranho, mostraremos no momento oportuno que isso é real dentro do sistema linguístico. O que deve ficar claro agora é que situação completa e incompleta não são sinônimos de situação **acabada e não acabada**.

São exemplos de situação apresentada como incompleta as situações das frases de números (8a, b), (9b), (11a-c), (20 a 25), (30b), (38), (39), (44), (47), (49 a 51) e (53) entre outras. Exemplos de situação apresentada como completa podem

ser encontrados nas frases de números (10), (40) a (42), (46), (52) e abaixo nos exemplos (57) a (60).

- 57. Célia **andou indo** ao cinema com Élio.
- 58. A menina **esteve balançando** lá fora por muito tempo.
- 59. Quando eles voltarem, já **terei preparado** o lanche.
- 60. Maria **ficou olhando** as fotos durante várias horas.

Pode acontecer que nenhuma dessas noções aspectuais seja atualizada pelo verbo. Neste caso o falante refere-se à situação em si, sem atualizar a categoria de aspecto, como ocorre, em (61) a (63).

- 61. Seu tio **almoçará** amanhã conosco.
- 62. Talvez José **compre** o carro de você.
- 63. **Varra** essa cozinha, menina!

Mais adiante veremos alguns casos em que, normalmente, a categoria de aspecto ou algum aspecto em particular não se atualiza.

As noções aspectuais que vimos nesta seção podem ser resumidas no QUADRO I, da página seguinte.

2.3 – NOÇÕES NÃO ASPECTUAIS, MAS GERALMENTE LIGADAS AO ASPECTO

2.3.1 - PRELIMINARES

Em 2.2.1 falamos de muitas noções não aspectuais arroladas por diferentes autores como aspectuais. Nesta seção, vamos falar mais particularmente de várias noções semânticas que aparecem com frequência na literatura sobre aspecto, normalmente para caracterizar subtipos desta categoria que, entretanto, não são noções aspectuais. Seu constante aparecimento nos estudos aspectuais se explica pelo fato de que elas estão ligadas a algum tipo de aspecto e, muitas vezes, só podem ocorrer na frase em que ele aparece, podendo ser ou não consequência do mesmo. Em outras palavras, o aparecimento destas noções na frase depende na maioria das vezes do aspecto e muitos as têm confundido com aspectos ou seus subtipos.

Estão neste caso as seguintes noções:

2.3.2 - HABITUALIDADE

Como vimos em 2.2.2.1, a habitualidade existe quando temos a iteração, que surge da duração descontínua ilimitada. A noção aspectual é essa duração. A habitualidade se liga a esta noção aspectual, porque é dela que surge a repetição sem a qual o hábito não existe, mas não se deve pensar daí que o hábito seja aspecto, mesmo que terminologicamente usemos o termo **habitual** para distinguir o aspecto caracterizado pela duração descontínua ilimitada, do aspecto caracterizado pela duração descontínua limitada.²⁵

QUADRO I

I – Duração	1. Duração	A. Contínua	a. Limitada
			b. Ilimitada
		B. Descontínua	a. Limitada
		b. Ilimitada	
	2. Não duração ou Pontualidade		
II- Fases	1. Fases de realização	A. Por começar	
		A': Prestes a começar (ao lado do aspecto há uma noção temporal)	
		B. Não acabado ou Começado	
		C': Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma noção temporal)	
		C. Acabado	
	2. Fases de desenvolvimento	A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)	
		B. Meio	
		C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)	
	3. Fases de completamento	A. Completo	
		B. Incompleto	

2.3.3 - INCOAÇÃO

É a indicação de mudança de estado. Como indica o começo de um novo estado é, por muitos, ligada à inceptividade e daí se dizer, às vezes, aspecto incoativo ou

²⁵ Cf. o quadro aspectual no item 4.2.

inceptivo, como faz Câmara Júnior;²⁶ ou de em outras vezes se dividir a inceptividade em inceptivo propriamente dito e inceptivo incoativo como faz Castilho.²⁷ Das noções que estamos vendo é, talvez, a menos dependente de aspecto. Exemplos:

- 64. José **adoeceu**.
- 65. A valente tropa **fraquejava**.
- 66. As folhas **amarelam** com o frio.
- 67. Rogério **está engordando** muito.

2.3.4 - PROGRESSIVIDADE

É a indicação de que a situação tem um desenvolvimento gradual. Está ligada ao aspecto que chamaremos de **durativo**, pois não referimos a desenvolvimento gradual em uma situação pontual, porque, quando isto acontece, a situação pontual é apresentada como durativa. Exemplos:

- 68. Nossa amizade **estreitava-se**.
- 69. O amor dos tios **foi transformando** aquela criança.
- 70. Chega o inverno, aos poucos as árvores **ficam esqueléticas**.
- 71. O pobre animal **morreu** pouco a pouco.

Observe-se que em (71) a situação pontual²⁸ “morrer” é vista como durativa por causa da progressividade introduzida pelo adjunto adverbial “pouco a pouco”, mesmo estando no pretérito perfeito do indicativo que normalmente faz abstração da duração ou pontualidade (cf. o item 7.3).

Como já vimos, alguns autores propõem um aspecto progressivo, o que não é correto.

2.3.5 - RESULTATIVIDADE - 1 OU PERMANSIDADE

É a indicação de um estado resultante de uma situação dinâmica (Cf. capítulo 3) que se concluiu. O nome permanividade é uma alusão ao fato de permanecer um estado em consequência do término de uma ação; como diz Câmara Jr. “à maneira de uma coisa adquirida” (Cf. item 1.3.8). Exemplos:

- 72. **Tenho** a lição **estudada** (Isto é, estudei a lição no passado e agora ela está estudada).

²⁶ Cf. o que registramos no item 1.3.8.

²⁷ Cf. o que registramos no item 1.3.9.

²⁸ Cf. tipos de situações no capítulo 3.

- 73. Bernarda (que vestiu um casaco e **tem posta** uma mantilha preta. A observar Amália com desconfiança). “Estás hoje muito janeleira, Amália!” B. Santareno.²⁹ (Isto é, pôs a mantilha e agora ela está posta).
- 74. O jantar **está preparado**. Quando posso servi-lo? (Isto é, preparei o jantar e agora ele está preparado).
- 75. Quando chegamos à fazenda o cafezal **estava destruído** (Isto é, o cafezal tinha sido destruído e no momento da nossa chegada ele já estava destruído).

2.3.6 - RESULTATIVIDADE - 2³⁰

É a indicação de que a situação se concluiu com o atingimento de um ponto terminal. Exemplos:

- 76. Os funcionários **varreram** o salão.
- 77. Teresa **apagou** a luz.
- 78. Valdir já **tinha emoldurado** o quadro, quando lhe telefonei.
- 79. João **matou** o cachorrinho com o coração apertado, mas era preciso, porque estava louco.

Esse tipo de resultatividade ocorre com os verbos télicos (Cf. capítulo 3), quando usados com formas que marcam o aspecto que chamaremos de perfectivo (Cf. nota 40). A resultatividade -2 depende deste aspecto e surge sempre ligada ao aspecto acabado.

2.3.7 – CESSAMENTO

Aparece quando se depreende da situação expressa pelo verbo uma noção de negação que se reporta ao presente. O cessamento é uma mistura de tempo e aspecto: na medida em que estabelece um contraste entre ontem (ou antes) e agora (momento da enunciação) é temporal; na medida em que indica que a situação é acabada é aspectual. O cessamento é, pois, uma combinação do aspecto que chamaremos de acabado (cf. nota 40) e de uma noção temporal. Exemplos:

- 80. Já **tive** muitos amores, mas agora...
- 81. Eu, um dia, **fui** o maior malabarista do mundo.
- 82. Eu **estive** doente, por isso faltei a duas aulas.
- 83. O mecânico **esteve** aqui para ver o carro.

²⁹ Exemplos (72) e (73) apud Castilho (1967, p.86, 88).

2.3.8 – EXPERIENCIAMENTO

Indica que alguém já viveu ou passou por uma determinada situação, pelo menos uma vez. Liga-se ao aspecto que chamaremos de perfectivo, pois só aparece quando este aspecto está presente.³⁰ Exemplos:

- 84. José já **esteve** no sul do país, eu não.
- 85. Você alguma vez **participou** de um concurso de beleza?
- 86. Uma vez eu **falei** com o papa.

Como se pode observar nos exemplos acima, o experienciamento no Português é normalmente assinalado pelo verbo no pretérito perfeito do indicativo com o auxílio do advérbio “já” ou de locuções adverbiais do tipo “alguma vez”, “uma vez”, “certa vez”, embora nem sempre o experienciamento seja marcado assim (cf. exemplo 87) e nem sempre a presença destes elementos implique em experienciamento (cf. exemplo 88).

- 87. Alguma vez você estava assistindo televisão quando o tubo explodiu? (Aqui o experienciamento está em toda a frase e não em uma ou outra forma verbal).
- 88. Você já estudou para o concurso? (Aqui não há experienciamento. Se tirarmos o artigo definido o de antes de “concurso” passa a haver experienciamento).

³⁰ Comrie (1976, p.58) fala em “experiential perfect”. “Perfect e Perfective” (perfeito e perfectivo) são dois aspectos distintos para Comrie. O “perfeito” incluiria uma ligação com o presente que não há no perfectivo